

**DA NECESSIDADE
E DA BÊNÇÃO
DA ORAÇÃO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rahner, Karl

Da necessidade e da bênção da oração / Karl Rahner ; com prefácio de Anselm Grün ; tradução de Gabriel Almeida Assumpção. – São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Biblioteca de teologia)

ISBN 978-85-349-5975-9

Título original: Von der Not und dem Segen des Gebetes

1. Oração I. Título II. Grün, Anselm III. Assumpção, Gabriel Almeida III. Série

25-5617

CDD 264.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Oração

Coleção **BIBLIOTECA DE TEOLOGIA**

- *À sombra do Altíssimo: a relação singular entre o Espírito Santo e Maria*, Jonas Nogueira da Costa
- *O cristão do futuro*, Karl Rahner
- *Ele está no meio de nós: uma cristologia do encontro*, Gabriel Perissé
- *Teologia moral em saída: desfazer nós e enfrentar desafios*, Julio L. Martínez
- *A credibilidade da proposta cristã*, Lluís Oviedo Torró
- *Espaços litúrgicos de mulheres: revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro*, Paula Depalma
- *Desumanidade: reflexões sobre o mal moral*, José Ignacio González Faus
- *Teologia da revelação*, René Latourelle
- *A religiosidade popular: lugar teológico para a nova evangelização*, Daniel Cuesta Gómez
- *No final nada? Sobre a ressurreição e a vida eterna*, Gerhard Lohfink
- *Deus às margens: a revelação de Deus nos tempos de secularização*, Francesco Cosentino
- *Eucaristia: compreender, viver e celebrar*, George Augustin
- *Esperança de vida eterna: força para agir hoje*, Walter Kasper; George Augustin
- *Da necessidade e da bênção da oração*, Karl Rahner
- *Mudança estrutural na Igreja como tarefa e oportunidade*, Karl Rahner
- *Não apaguem o Espírito!*, Karl Rahner
- *Quem é teu irmão?*, Karl Rahner
- *Ministério ordenado: ontem, hoje, amanhã*, Francisco de Assis Costa Taborda
- *Servir a humanidade, servir a Igreja: uma proposta teológica e pastoral sobre o diaconato*, Serena Noceti

KARL RAHNER

Com prefácio de Anselm Grün

Tradução:
Gabriel Almeida Assumpção

DA NECESSIDADE E DA BÊNÇÃO DA ORAÇÃO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Von der Not und dem Segen des Gebetes*

© Verlag Herder, Freiburg im Breisgau 1958, 2004

Direitos autorais pertencentes a Karl-Rahner-Stiftung München/Germany
Kaulbachstrasse 29a, 80539 München, Deutschland

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Darlei Zanon,
Tatianne Francisquetti,
Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5975-9

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
A ABERTURA DO CORAÇÃO	11
O ESPÍRITO AUXILIADOR.....	27
A ORAÇÃO DO AMOR.....	41
ORAÇÃO NO COTIDIANO.....	57
A ORAÇÃO DA AFLIÇÃO.....	71
ORAÇÕES DE CONSAGRAÇÃO	87
A ORAÇÃO DA CULPA.....	107
ORAÇÕES DE DECISÃO	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141

Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, Karl Rahner proferiu sermões em Munique sobre a oração. A comoção dos sermões era encorajada pela guerra. Rahner não omite isso, limitando-se a falar apenas sobre a oração mesmo após a catástrofe, como muitos escritores espirituais fizeram após a guerra. Luta-se pela oração. Tendo como pano de fundo as experiências no abrigo antiaéreo, ele fala sobre um coração soterrado. A oração se inicia com a abertura do coração. Todavia, a oração não é apenas nosso próprio agir, mas deixar acontecer. O próprio Espírito de Deus ora em nós. Debaixo de nossa superficialidade, de nossas rumações e de nossos sentimentos caóticos, no fundo de nossa própria alma, é o próprio Espírito Santo que ora em nós. Isso constitui nossa dignidade.

Os sermões sobre a oração se direcionam a todas as pessoas. Rahner fala imediatamente ao coração. Johann Baptist Metz, um dos mais importantes alunos de Karl Rahner, relata que sua mãe disse a ele, sobre a obra de Rahner *Da necessidade e da bênção da oração*: “posso entender muito melhor que suas coisas” (Metz, 129). Isso indica que não apenas eruditos compreendem o pensamento de Rahner. E, contudo, no empenho de Rahner em torno à oração, descobre-se toda a sua Teologia. Rahner rodeou sua vida de um discurso adequado sobre Deus e o ser humano. Ele se recusou a falar em palavras demasiado pessoais sobre Deus como nosso amigo. Deus é, para ele, o mistério inapreensível, diante do qual o ser humano permanece em busca e em plena saudade. Herbert Vorgrimler, outro discípulo de Rahner, opina a respeito que, quando se busca se aproximar da Teologia de Rahner, deve-se, então, começar com *Da necessidade e da bênção da oração*. Ele escreve: “Então, talvez algo desse discurso hoje,

em primeiro lugar, pareça totalmente patético. Após um tempo, contudo, subitamente se faz uma pausa e se diz: é isso, o que eu realmente buscava!” (Vorgrimler, 169).

Na medida em que Rahner fala sobre a oração, ele fala sobre o mistério de Deus e sobre o mistério do ser humano. Ele não idealiza o ser humano. Ele o descreve tal como é, em sua trivialidade, em sua reclusão, em sua banalidade. Todavia, nesse homem, também está o anseio por Deus, o anseio de estar em contato com esse Deus. Por isso, orar também significa, para Rahner, descer nas profundezas do coração, abandonar todos os autoenganos, para nos colocar a própria verdade. Se angariamos essa coragem, nós nos deparamos com o próprio Deus a partir do fundo de nossa alma como o Silencioso, Inominado, Incompreensível. Nós reconheceremos que nosso coração soterrado e pobre, contudo, porta em si a infinitude do Deus eterno.

Na oração nós entrevemos o que constitui o mistério mais profundo de nossa vida. É o amor. Na oração, nós imergimos no amor de Deus, que já está sempre em nós. E a verdadeira oração consiste em se deixar cair nesse amor de Deus, em se desapegar do próprio ego, em largar todas as intenções que nós associamos com a oração e em nos entregarmos no amor de Deus. Todavia, a oração como amor só é possível porque, em Jesus, o amor de Deus chegou a nós e porque Deus derramou seu amor sobre nosso coração pelo Espírito Santo. Orar é deixar acontecer esse amor, deixar-se libertar da soberania do próprio ego.

Porém, Rahner não prega apenas sobre o mais profundo mistério da oração, mas também sobre as formas cotidianas de oração, a oração matinal e a oração noturna, o terço e a oração nas refeições. Essas formas cotidianas também pertencem aos cristãos que oram. Elas não são sempre o ponto alto da oração, mas são a condição para que Deus possa me tocar em meio ao cotidiano e possa transformar meu dia a dia. Finalmente, no entanto, a questão é não apenas orar no cotidiano, mas fazer do próprio cotidiano uma oração. Rahner quer dizer que, se nós fôssemos

alunos sensatos, então o cotidiano seria, para nós, o melhor mestre. Se nós aceitamos o cotidiano em sua monotonia, em suas decepções e fracassos, então, o cotidiano destroçaria nosso egocentrismo e nos abriria para o amor de Deus. Desse modo, o cotidiano seria expressão de nosso amor a Deus. E nós, em meio ao cotidiano, experienciaríamos o amor de Deus, que poderia preencher nosso coração partido. Quando Rahner escreve a respeito, sua linguagem novamente se torna poética. O dia a dia perde sua cotidianidade:

Tudo depende de como nós passamos o dia a dia. Pode ser cotidianamente. Porém, ele também pode nos tornar livres de nós mesmos como nada mais consegue. Se nós conseguirmos, porém, esse tornar-se livre e tornar-se altruísta, então, esse amor, que surge por si próprio, se expandirá através de todas as coisas, em meio ao coração das coisas, na vastidão infinita de Deus, com santa saudade e anseio santo, e também levando consigo todas as coisas perdidas do cotidiano como canção de louvor ao esplendor divino.¹

Para mim, nisto consiste a arte de Karl Rahner: descrever o dia a dia e o cotidiano, a mediocridade e a banalidade do ser humano e, em meio à realidade frequentemente cinza da vida, deixar que resplandeça o mistério de Deus, o mistério de um amor que tudo transforma. Frequentemente, repreendeu-se Karl Rahner por uma Teologia muito abstrata, muito especulativa, muito difícil de se ler. Todavia, precisamente no livro *Da necessidade e da bênção da oração*, mostra-se a arte de Rahner: a partir das experiências cotidianas das pessoas, dar abertura ao mistério de Deus. Naquele tempo, a ânsia das pessoas era que, após a catástrofe da guerra, houvesse um novo apoio na fé. Rahner intuiu que nenhum consolo barato poderia servir a esses homens desafortunados, mas apenas um esforço sincero por um orar que possa mostrar seu valor, também, na dor e no sofrimento. Então, este livro antigo, que talvez nos tenha soado às vezes, em sua língua, algo patético, precisamente hoje é uma ajuda. Hoje, como nunca,

¹ RAHNER, Karl. *Von der Not und dem Segen des Gebetes*. Freiburg: Herder, 2004. p. 92.

é difícil a muitas pessoas rezar. Elas não se contentam com simples introduções à oração. Elas questionam cada certeza demasiado autoconsciente dos religiosos. Elas respiram com dificuldade em um mundo que aparentemente se distanciou de Deus, buscando uma oração na qual possam experimentar uma proximidade curativa e amorosa de Deus.

Então, eu desejo aos leitores e às leitoras que se dirijam um ao outro e que se deixem tocar pelas palavras de um teólogo que lutou durante o tempo de sua vida para compreender o mistério de Deus e o mistério do ser humano. Na oração, trata-se de ambos: de vislumbrar quem nós próprios somos e quem é esse Deus inapreensível, a quem nós nos dirigimos, na oração, com “vós”.

Anselm Grün²

Referências

BATLOGG, Andreas R.; MICHALSKI, Melvin E. (Eds.). *Begegnungen mit Karl Rahner. Weggefährten erinnern sich*. Freiburg: Herder, 2006. As citações de Metz e Vorgrimler se encontram nesse livro.

[RAHNER, Karl. *Von der Not und dem Segen des Gebets*. Freiburg: Herder, 2004.]³

² Anselm Grün, doutor em Teologia, nascido em 1945, monge da Abadia Beneditina de Münsterschwarzach, diretor espiritual e pregador. Sua tese tratou da Teologia de Karl Rahner. Seus livros sobre espiritualidade e arte de viver são *best-sellers* mundiais em mais de 30 idiomas.

³ As inserções entre colchetes são feitas pelo tradutor para marcar as intervenções no texto, apenas para fim de clareza. Por exemplo: neste caso, para inserir uma referência citada, mas não referenciada por Grün em seu prefácio. A maior parte dessas inserções será para demarcar uma fala ou uma pergunta quando isso não está explícito no texto de Rahner. No caso dos sermões, que são os textos seguintes, essas falas ou perguntas ficam explícitas ao ouvinte por recursos como pausa ou mudança de tom na exposição oral. [N.T.].

A ABERTURA DO CORAÇÃO

O ser humano realiza muitas coisas, diferentes entre si. Não lhe é dado fazer apenas uma coisa, embora ele porte em si uma saudade oculta, talvez apenas inconfessada e apenas semiconsciente, de fazer uma única coisa, e sempre essa coisa, algo que é tudo em um e vale o esforço, a última força e amor do coração. O ser humano deve fazer muitas coisas. Mas nem tudo que ele faz é de igual prioridade e de igual dignidade. Algo pode ser “importante” para ele, porque é inevitável. E o realmente importante e necessário pode ser muito facilmente evitado e esquecido. O que todos fazem e ninguém deixa de fazer não precisa, contudo, necessariamente ser o mais elevado. Se o ser humano, junto a Deus, sente respeito profundo e amor, então ele ora. Então, de fato, ele não realiza tudo em um, pois isso não é possível a ele, ao finito, nesta vida. Mas ele ao menos está junto àquele que é tudo em um e, por isso, faz algo do Mais Importante e Mais Necessário. Algo que nem todos fazem, pois, precisamente por pertencer às Coisas Mais Necessárias, também é a mais livre, a mais evitável, aquilo que apenas é quando nós a fazemos livres, em um amor sempre novo, e não de outra forma. É por isso, contudo, que ela ocorre raramente. Ela é difícil ao ser humano. Por esse motivo, ele deve sempre se recordar do que propriamente é oração, e ele não deve esperar até que isso ocorra por si mesmo. Uma reflexão sobre a essência e sobre a dignidade da oração pode se tornar a força motriz para, no mínimo, dizer uma coisa a Deus: “Senhor, ensinaí-nos a orar!”¹

Porém, todos nós não sabemos o que é oração? Todos nós não podemos orar? E não poderia, portanto, simplesmente se

¹Lc 11,1. [N.T.].

tratar de algo diferente de um convite e de uma admoestação, para também fazermos, efetivamente, o que nós sabemos e podemos? Não é tão simples nem tão óbvio. Nós realmente não sabemos o que é oração e, por esse motivo, frequentemente também não podemos orar. Pois há coisas dos seres humanos, ações do coração, que cada um acredita conhecer, pois todos falam a respeito ou porque elas são evidentemente muito simples; contudo os atos mais evidentes e mais simples do coração são os mais difíceis, e apenas lentamente o ser humano os aprende. E quando ele pode praticá-los, no fim da sua vida, então sua vida foi boa, divertida e abençoada. E, entre esses atos do coração, estão o bem, a abnegação, o amor, o silenciar, o compreender, a verdadeira alegria – e a oração. Não, realmente não é fácil saber e compreender o que é oração. Talvez se tenha sabido isso ou podido fazer isso em uma época em que o pobre coração não era tão desgastado pelas amarguras e pelas alegrias da vida, assim como, talvez, ele fosse capaz de um amor puro. Porém, depois se tornou gradualmente algo totalmente diferente, sem que o ser humano o tenha reparado – assim como o amor se torna hábito e, talvez, uma espécie de egoísmo entre duas pessoas –, e essa pessoa ainda acredita que ela ora. E, então, ou ela desiste, decepcionada e entediada, porque, como ela observou paulatinamente, aquilo que a movia, na verdade, não vale mais a pena fazer, ou ela continua “orando” (se é que ainda se pode chamar “oração” o que ela faz), e é como uma ida a um escritório: lá, deve-se ou pagar algo, ou receber algo, e, então, dirige-se para lá, em nome de Deus: precisa-se, por exemplo, do amor de Deus, e então se pede precisamente por isso; não se quer estragar as coisas com ele, então, faz-se precisamente seu dever, faz-se, por assim dizer, sua visita de cortesia (não por muito tempo; o que se diz lá é dito de maneira verdadeiramente breve e, afinal de contas, ele também deve reconhecer que não se tem muito tempo e que se tem muitas coisas mais importantes a fazer). E chamam oração esse requerimento ao Departamento mais elevado do Governo

Mundial (tem-se a impressão de que se pode pedir abundantemente a ele e que isso funciona apenas de modo um tanto sóbrio) e essa visita de cortesia oficial ao Regente Superior do Mundo, com o qual não se quer cair em desgraça (porque – não se pode saber –, em todo o caso, isso poderia tornar-se perigoso no além, após a morte). Ó Deus, isso não é oração nenhuma, mas a carcaça de uma oração e uma mentira.

Mas o que é, então, propriamente oração? Isso é difícil de dizer. E, no fim, nós falamos muito sobre isso e, ainda, dissemos muito pouco a respeito. Em primeiro lugar, foi dito sobre a oração apenas algo bastante simples, algo muito óbvio, que está tão no início da oração, que nós não notamos na maioria das vezes: na oração, nós abrimos nosso coração para Deus. Para compreender com o coração e não apenas compreender com a cabeça, deve-se, portanto, falar de duas coisas: dos corações soterrados e da abertura do coração.

Os acontecimentos que sucedem palpavelmente na vida exterior, clara e inconfundivelmente, são de fato, quando se lhes compreende, frequentemente apenas um sinal e um símbolo, uma sombra projetada para fora de coisas que recorrem ao coração, que talvez já tenham recorrido há muito tempo, e, agora, sem que as pessoas sequer pressintam, a essência latente dessas coisas, subitamente, também molda a realidade exterior do ser humano. E, então, de repente o ser humano pode olhar, nesse processo exterior, ao estado oculto de seu coração, tal como contempla um espelho. E quando ele avista sua imagem refletida e se torna ciente de que, naquela coisa lá fora, ele olha para si próprio, então, apavora-se esse coração que olha e que sabe – talvez, assusta-se mortalmente consigo próprio.

Vocês se lembram das noites no porão, das noites de solidão mortal em meio a agoniantes impulsos humanos, da noite do desamparo e da espera pela morte sem sentido, das noites em que as luzes se apagam, de quando o cinza e a impotência tocam o coração, de quando se imitam os valentes e desinibidos e de quando

as palavras inócuas, atrevidas e corajosas soam tão desajeitadas e vazias, de um por assim dizer já morrer, antes que essas palavras tenham encontrado o outro, quando, então, desiste-se, quando, então, fica-se em silêncio, quando apenas se espera desesperançoso pelo fim, pela morte? Sozinho, impotente, vazio. E, quando o porão foi realmente soterrado, então – a imagem do ser humano de hoje está pronta, pois assim somos nós, pessoas de hoje, ainda que nós já tenhamos conseguido sair do porão soterrado, ainda que o cotidiano tenha recomeçado, ainda que se busque novamente fazer a pose de corajoso e cheio de vida (ah, mas como essa pose, no fundo, é um chorar tão estranho, esse teatro com que nós queremos iludir uns aos outros). Nós, pessoas de hoje, somos sempre os soterrados, porque nós, como tais, já ingressamos no destino externo, porque o destino externo – em Deus, assim o é, ainda que isso soe tão fantástico e romântico – é apenas a sombra dos acontecimentos que se dão nas profundezas do ser humano: isto é, os que estão soterrados nos corações.

Então, diz mesmo: [“] E o nosso coração? [”] Vê, esse coração, nosso coração, se Deus realmente não o libertou para dentro de sua própria liberdade infinita, cada ponto interno em nosso ser é onde a infinitude, a dor, a desesperança, a rotina diária de nossa existência humana se tornam consciente dela própria e se consomem em si próprias. Este é propriamente nosso coração: o coração do tolo, o coração do amargurado, o coração do desesperado. Nós não podemos fugir dessa prisão de nosso coração. O ser humano pode, de fato – com palavras ou com imagens –, fazer viagens. Ele pode mergulhar no trabalho, pode se dedicar ao prazer, pode buscar a consolação com outras pessoas, pode se entorpecer por mil caminhos e com mil substâncias, com o que ele afoga aquela consciência sempre à surdina, insistentemente perfurante: a consciência da solidão, da desesperança e da ninharia do mundano. Porém, essa fuga eterna, apressada e desesperada é em vão: subitamente, o ser humano repara novamente que ele não foi embora, que é como alguém aparentemente saudável e,

todavia, incuravelmente doente, que sua sentença de morte já foi realmente ouvida, em meio a uma alegre distração, na qual a antiga alegria de viver e contentamento querem efervescer, como se nada houvesse acontecido; porém, uma pequena dor lembra que tudo já é simplesmente passado e desesperador. Oh, o ser humano pode ir aonde quiser, pode criar acampamentos alternativos para sua felicidade onde ele quiser, pode se dispersar pelo mundo inteiro. Subitamente, ele observa de novo que apenas andou de um lado para o outro apressadamente no cárcere de sua vida, observa que rastejou de um buraco do seu porão soterrado até outro e que sucedeu em um cativeiro, que ele permanece trancafiado, permanece trancafiado na finitude e para a finitude, no cotidiano, na decepção, na tagarelice, na tentativa desesperada que nós chamamos a vida humana. Certamente, há pessoas que estão, por assim dizer, ingênuas e despreocupadas no porão da casa de suas vidas; elas ainda se nutrem de suas provisões, talvez estejam tendo uma conversa animada, talvez amem e façam planos – e elas ainda não observaram que a entrada de seus porões já está desmoronada e soterrada. Desmoronada, porque a morte está acima de todos e o fim está atrás de todos. Todavia, cedo ou tarde, também a pessoa “com alegria de viver”, a pessoa “otimista” observa como é na realidade para o homem terreno. E os outros já observaram o que o ser humano tem intrinsecamente em si, o ser humano no qual o Espírito parece ser apenas a luz para iluminar o desespero da situação, assim como, no porão, acende-se um fosforozinho para se constatar: desesperante! E, quando esse desespero tiver apesado as pessoas, quando o ser humano perceber quão isolado ele é, quão sozinho, como é entregue às mãos da morte e, contudo, é ao mesmo tempo esmagado pela futilidade do cotidiano – oh, então, o ser humano não precisa, de modo algum, soltar um grito de desespero; então, ele talvez não comece a se enfurecer – oh, não, há meios muito mais pavorosos de desespero: aí está o desespero que se tornou tanto um estado normal, que se tornou coisa natural, que simplesmente não se